



A literatura Marginal e a Caracterização de Seus Representantes na Mídia¹

Lara Rodrigues SILVA²
Neimar da Cunha ALVES³
Adriana Cristina Omena dos SANTOS⁴

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O PET Conexões de Saberes – Educomunicação é caracterizado por ser interdisciplinar e por sua base filosófica estar centrada nas políticas públicas e ações afirmativas. Propõe-se com esse trabalho, explicitar o envolvimento do PET com o projeto #ARuaEnsina, sendo este liderado pela Central Única das Favelas e cujas manifestações artísticas advém de espaços marginalizados, particularizando-se por meio do grafite, da música e da literatura. Evidencia-se que a arte em questão caracteriza-se por abarcar as obras de indivíduos advindos de espaços marginalizados, marcados agressivamente pela desigualdade social e que fazem desses espaços o assunto principal em suas obras. Enfatiza-se aqui a literatura marginal relacionada e a sua relação com a mídia.

PALAVRAS-CHAVE: literatura marginal; ação afirmativa; representação; mídia; Sérgio Vaz.

1 Introdução

O Projeto de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Educomunicação, tem sua base fundamentada pelas políticas públicas e ações afirmativas. Sendo um projeto interdisciplinar, abrange as licenciaturas, pedagogia, comunicação social e áreas transversais. Salientando o seu papel social, a integração de novos alunos acontece por meio do critério socioeconômico. Dessa maneira, os projetos desenvolvidos são esboçados para promover inclusões sociais, seja para os menos favorecidos economicamente ou aos indivíduos que a sociedade omite ideologicamente de seu processo — como idosos, crianças, mulheres, negros, pessoas LGBT, entre outros.

¹ Trabalho apresentado no IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante do 7º período do curso de Letras, com habilitação em língua portuguesa e integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Educomunicação da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: laraodrigues15@gmail.com.

³ Jornalista formado pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduando em Direito pela Universidade de Uberaba, e-mail: neimardca@gmail.com.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação, tutora do grupo PET CNX Educomunicação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: adriomena@gmail.com



Considerando o papel assumido pela arte marginal de reforçar e, até mesmo, criar identidades e o encargo do PET de promover a pesquisa e a extensão, surge uma proposta cujo intuito é o de entender e estudar os ambientes de efervescência da cultura marginal e, com isso, incentivar e participar das experiências de produção da temática popular à margem dos grandes meios de distribuição e veiculação de conteúdo. Desse modo, tendo como objeto de estudo principal a literatura marginal, também conhecida como literatura de periferia, este trabalho intenta ilustrar como são representados pela mídia os articuladores de tais manifestações artísticas.

Esse artigo centra-se na Literatura Marginal e na representação midiática e está embasado nas leituras de Nascimento (2006), Pellegrini (2004), Eslava (2004), de escritores marginais (Sérgio Vaz, Ferréz, Marcelino Freire, e demais) e das contribuições ao projeto #ARuaEnsina, da Cufa Uberlândia.

Retratada pela literatura, a história brasileira se mostra marcada por diferentes matizes de violências desde a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência e posteriormente a criação de cidades, em consequência dos latifúndios, da industrialização, do imperialismo e da ditadura (PELLEGRINI, 2006). Os efeitos da dominação de uma parcela social à outra, se refletem nos temas literários cujo intuito é a legitimação de uma coletividade que, carente de direitos sociais e civis, clamam por justiça e chamam a atenção para si através de uma literatura/arte característica e distintiva por não seguir os padrões estéticos hegemônicos.

2. Representação e Mídia – O Jornalismo Impresso e a Literatura Marginal

A mídia faz recortes da realidade, a fragmenta. Por se tratar de um recorte, a representação midiática pode estar carregada de possíveis leituras enviesadas da realidade a partir de uma construção parcial dos textos, entendendo-se por textos, os inúmeros recursos audiovisuais e jornalísticos existentes.

Além de (tentar) representar a realidade, vamos focar em um tipo de representação midiática específica: das minorias. Podemos entender a representação com base nas considerações de Morigi (2004, apud Silva e Barichello 2006):

As representações sociais disseminadas pelos meios de comunicação passam a se constituírem realidades as quais



passam a integrar o perfil da opinião pública em forma de discurso da atualidade, tornando parte do senso-comum. As influências sociais da comunicação no processo das representações sociais servem como meio para estabelecer ligações e conexões significativas com as quais nos relacionamos e interagimos uns com os outros (MORIGI, 2004).

Em relação às minorias como os moradores das comunidades, podemos entender este conceito como sujeitos pertencentes aos grupos socialmente excluídos, de vulnerabilidade socioeconômica, etc. Desse modo, os meios de comunicação intuem auxiliar a compreender e dar vazão a existência das instituições midiáticas cujo função é informar os espectadores a respeito daquilo que considera como relevante. Essas informações, no entanto, são adquiridas como um produto social e aquele para quem é direcionado os fatos, não tem acesso à produção desses fatos. O distanciamento dos meios de comunicação e de seus consumidores são evidenciados nas palavras de Silva (2013):

O papel dos veículos de comunicação parece se dissociar da sociedade, se reduzindo a uma atividade necessária e independente de sua vontade. Tal crença pode distanciar de tal forma o homem da realidade em que vive que este também não se enxerga nos fatos divulgados sobre si mesmo. Ao tentar deduzir o que é noticiável ou não, o grupo de pessoas que tomou para si a função e a habilidade de saber produzir notícias, além de criar padrões e expectativas que irão se concretizar na objetividade do mundo, também buscará legitimação de sua própria existência no meio em que atua. (SILVA, 2013, p. 13).

Para este trabalho, interessa a relação entre o jornalismo impresso e a literatura marginal. De acordo com Santos (2014) tais áreas sempre estiveram interligadas por possuírem o mesmo objeto de estudo: as palavras. Relacionam-se, também, historicamente, já que o jornalismo foi um o veículo de divulgação da literatura, principalmente por meio dos folhetins cujas publicações se davam por meio de capítulos. Segundo a autora, a parceria entre a literatura marginal e a imprensa acontece com as publicações, acontecidas num período de pouco mais de quatro anos, dos “Atos” da revista *Caros Amigos* (2001), que tinha como líder o escritor Férrez.

Pode-se comparar o caminho percorrido por esses textos com a trajetória dos folhetins. Chegavam ao público primeiro através da



publicação periódica para mais tarde ganhar edições como livros. A principal diferença era que nos folhetins a história tinha continuidade, se tornando, depois, um romance. Já os textos da literatura marginal são contos, crônicas e poemas, sem continuidade, que foram reunidos em uma coletânea. Assim como no século XIX, a imprensa serviu, novamente, como forma de propagação da literatura – e do hábito da leitura – e de seus escritores, abrindo as portas do mercado editorial. (SANTOS, 2014, p. 19).

Ainda em concordância com Santos (2014), a maneira como as instituições midiáticas representam os arquétipos marginais é, na realidade, uma reprodução da maneira como a classe vigente enxerga o movimento. Atualmente, entretanto, com o advento da internet, os manifestantes de tal arte sentem-se mais livres para propagar suas produções, já podem fazer isto com materiais próprios, como celular, câmera e máquina fotográficas, não ficando reféns apenas dos meios de comunicação de dominação, isto é, não necessitam do centro para propagar sua arte. Segundo a pesquisadora, o aparecimento da cultura marginal na mídia, acontece seguindo três critérios:

a) produtos midiáticos, como programas de televisão e filmes, que abordam temáticas periféricas e que são produzidos pelas empresas de comunicação e entretenimento, que não estão inseridas no ambiente marginal; b) notícias sobre as iniciativas culturais da periferia veiculadas pelos meios de comunicação, como uma forma de “mídia espontânea”; c) presença dos atores culturais periféricos – escritores, *rappers*, *DJ's*, atores e atrizes, dançarinos, etc. – na mídia, sejam as mídias tradicionais, impresso, rádio ou TV, ou as novas mídias, como os blogs e as redes sociais na internet. (SANTOS, 2014, p.28)

É importante estudar a relação da representatividade da mídia com esta arte é vista, nesse contexto de marginalidade, como porta-voz de sujeitos que reivindicam o direito de serem cidadãos e não como forma de escape de uma realidade opressora. Porque ser artista transcende o traduzir de práticas da existência, se se considerar que a arte é a própria existência, e como tal, faz parte de uma linguagem, sendo conseqüentemente, submissa à língua - e esta, mostrando-se “como desempenho [...] não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (BARTHES, 2013, p. 15).

A ação do PET CNX Educomunicação se limitaria ao estudo dessa literatura e à participação no seu processo de produção - seja escrevendo textos próprios ou incentivando a produção da comunidade (no caso, o público seria os integrantes do projeto #ARuaEnsina) com oficinas e saraus. Mas, percebendo a importância da relação



entre os diversos movimentos artísticos, pela música (especialmente pelo rap e o hip hop) e o grafite como primordiais para realizar um trabalho que legitime os sujeitos periféricos decidiu-se abrangê-los também ao, por meio de uma extensão, trazer para a universidade alguns representantes do movimento da cidade, como o grupo de dança *Manos de Hip Hop*.

2. Caracterização da Literatura Marginal

2.2 Contextualizações - a poesia marginal e a literatura marginal

Candido (1997) afirma que cada povo tem uma literatura que o representa. Assim, a fim de agir como porta-voz de uma grande parcela da sociedade brasileira, cujas vivências são marcadas pela pobreza, pela violência, por carências sociais, pela desvalorização e conseqüente subordinação de sua cultura aos preceitos da classe dominante, surge uma literatura, cunhada como marginal.

A alcunha “literatura marginal” é, equivocadamente, confundida com o movimento de poetas marginais da década de 1970 (também conhecidos como geração mimeógrafo). A poesia marginal surge logo após o fim da Tropicália – movimento cultural brasileiro caracterizado por conglomerar ritmos e manifestações diversas da música brasileira, a fim de contestar o governo ditatorial. Assim como o movimento tropicalista, essa geração de “poetas marginais” também produzia textos contra a censura imposta pela ditadura militar.

Os poetas da década de 1970, privados dos ambientes midiáticos e editoriais, mimeografavam seus manuscritos e os comercializavam em lugares populares a custo banal. Utilizando meios de divulgação alternativos para abordar as mazelas sociais, Paulo Leminski Filho, Antônio Carlos Ferreira de Brito (Cacaso), Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal), Torquato Pereira de Araújo Neto e outros, ficaram conhecidos na época como representantes desse movimento.

É necessário ressaltar que esses artistas citados, advinham de posições sociais privilegiadas e eram marginalizados devido à privação imposta pelo mercado editorial. Os escritores marginais da década de 90, no entanto, caracterizaram-se por viverem ou já terem vivido nas comunidades em que escrevem – lugares estes esquecidos politicamente e à margem dos privilégios básicos propiciados à classe média, como saneamento básico, escolas qualificadas ou espaços culturais, sendo assim, isolados socialmente por questões político-econômicas.



2.3 O sujeito e a literatura marginal

A literatura hoje designada por “marginal” passou, segundo Nascimento (2006), por três etapas: a primeira, caracterizada por abarcar a produção de artistas advindos de espaços marginais; a segunda, cujos temas principais foram a violência, a pobreza, as carências sociais, a vida na prisão, dentre outros; e uma terceira, que “se refere às obras produzidas por contraventores e que narram as vivências de seus autores na criminalidade e nas prisões.” (NASCIMENTO, 2006, p. 54). Como é comum à maioria dos países de extração colonial, a realidade brasileira é marcada por um alto índice de desigualdade social e, por conseguinte, de criminalidade. Desse modo, a violência “surge como parte constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social, e como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica” (PELLEGRINI, 2004, p. 2).

O sujeito que produz a arte marginal se constrói na relação entre a cultura de sua periferia com a produção de massa. Esse atrito permite ao indivíduo entender o que ele quer falar sobre a sua própria realidade. Conforme pontua Nascimento (2006),

O conceito de “homem marginal” passou a descrever o tipo de indivíduo produzido pelo antagonismo entre a cultura de origem e a cultura da qual passava a fazer parte – antagonismo este que forjava um tipo de personalidade desajustada, não integrada completamente a nenhum dos padrões culturais. Essa abordagem, colocava ênfase na personalidade e atenuava as particularidades étnicas e de gênero, podendo ser empregada a qualquer grupo que experimentasse a posição de *outsider*; de modo que o conceito de marginalidade operava para descrever também grupos desarticulados internamente, carência de participação política, falta de identificação com a cultura dominante ou ainda pobreza cultural. (p. 71).

Como já colocado, a literatura marginal, contrapondo com valores culturais vigentes, irrompe “como forma de fazer a literatura contemporânea existir em meio às fraturas culturais promovendo o confronto com a ideologia dominante que tenta produzir a ideia da união e da homogeneidade cultural” (SANTOS, 2010, p. 3). A filosofia dos movimentos marginais configura-se como cenário para a assimilação dos “processos que interferem nas percepções, a configuração da realidade, conforme representada pelos grupos sociais, o que influi na constituição da identidade grupal” (VASCONCELOS, 2007, p. 44). Ainda, de acordo com Vasconcelos (*ibidem*), “é o



ambiente simbólico e cultural” que vai intensificar as perspectivas sobre o espaço dos sujeitos em contexto.

A falta de políticas públicas, de direitos civis e sociais, são algumas características, antes citadas, que fazem parte da construção da identidade do indivíduo marginalizado. Por exemplo, a obra *Capão Pecado*, de Ferréz, tem como tema central um romance que se desenvolve abordando as mazelas da periferia e a dificuldade financeira – razão, pela qual, os jovens entram cada vez mais cedo no mercado de trabalho e abandonam os estudos. Traz ainda, a respeito das festas, das rixas entre os “playbas” (playboys) e a periferia, a violência policial e a hostilidade entre os moradores da comunidade. Com todos esses agravantes, uma parte da juventude das periferias brasileiras, encontram na violência e no crime, suas formas de subsistência. Em *Quarto de Despejo*, é explicitado, por meio da escrita de Carolina Maria de Jesus, a realidade familiar, ao citar as condições precárias de saúde, a miséria, o esgoto a céu aberto, a fome, as discórdias entre vizinhos, através das percepções que Carolina, uma moradora da favela do Canindé, tem sobre a política brasileira da época.

Sendo a violência e a pobreza partes intrínsecas dos ambientes marginalizados, a literatura, a música e o grafite, entram como formas de denúncia da atmosfera de brutalidade existente em tais espaços e que são “invisíveis” aos olhos do governo, que por sua vez mascara, para as outras parcelas sociais, tal realidade. Mas vem, também, como forma dos representantes dessas comunidades, auto afirmarem suas identidades e seus olhares sobre o mundo enquanto cidadãos. Tem-se, como exemplo, a música do grupo de *rappers*, os Racionais, que encontraram na arte uma forma de regulação social.

Por se contraporem com o sistema hegemônico, os artistas marginais optam por uma forma estética que se aproxime ao máximo do cotidiano da periferia e/ou da favela. Utilizando a escrita a fim de promover reflexões tanto sobre o sistema social, político e econômico. Um nome importante para o processo de legitimação dos espaços marginais e de grande expressividade para o movimento artístico marginal, é o do Sérgio Vaz; escritor de várias obras consagradas da literatura marginal, como *A margem do vento* (1991), *A poesia dos deuses inferiores* (2005) e *Cooperifa - antropofagia periférica* (2008).

Em uma entrevista concedida ao PET CNX - Educomunicação, em um sarau da Cooperifa, realizado em janeiro de 2014, em razão do aniversário de cem anos da cidade de São Paulo, o artista narra o surgimento da Cooperifa - um centro cultural, do



qual é fundador, que reúne os moradores da periferia de São Paulo, para declamar poemas (produzidos por eles próprios e/ou de outros autores) ou mesmo assistir aos shows de hip-hop cuja contribuição, segundo Sérgio Vaz, tem uma significação inestimável para a consagração de identidade das minorias:

uma das coisas mais bacanas que aconteceu na periferia de São Paulo foi a história do hip hop que deu essa postura de identidade pra periferia. Até pouco tempo atrás eu tinha vergonha de falar que morava no bairro Santo Antônio [...]; e quando o hip hop veio falando dos bairros que as pessoas moravam, da favela, da periferia, a gente começou a falar, pô, sou da periferia, e daí? Não é por isso que a gente vai ser menos, menor. Foi aí que a gente começou a assumir a postura de identidade, local de tribo, começou a dar valor pela rua às pessoas que gente conhecia, então é uma coisa de identidade, igual a literatura periférica [...].

A Cooperifa surgiu, segundo o seu idealizador, como meio de preencher as lacunas de acesso às outras formas culturais presentes na periferia, como a falta de cinema, teatro ou museu; assim, descontentes com esse espaço, Sérgio Vaz e um grupo de amigos - “intelectuais marginais” - fundam a Cooperifa:

E a gente começou a imaginar, pô, mas se a gente não mudar a nossa tribo, como é que vai mudar o mundo, né? E aí, o espaço que eles têm é o bar e a igreja evangélica[...]. E a gente pegou o bar e transformou em um centro cultural. Então a ideia era transformar aquilo que deram pra nós em algo, aquilo que era prejudicial pra gente por causa do álcool e um monte de coisa e transformar o bar em um centro cultural; e a nossa surpresa foi que todo mundo aderiu, todo mundo gostou, porque era um espaço público e a Cooperifa se tornou o que é hoje justamente pela cumplicidade que acontecia no bar [...] E na periferia de São Paulo é como se fosse a sede do time de futebol [...] Enfim, já era o centro cultural só não tinha esse nome ainda, então a gente ressignificou, deu outro significado, foi mais ou menos isso [...].

Sérgio Vaz comenta ainda, sobre um traço identitário relevante ao se tratar das obras de caráter periférico: a presença dos indivíduos marginalizados como personagens: “quando a gente lê um livro que fala da gente, de um cobrador de ônibus, do motorista, da empregada doméstica, do dentista [...], do advogado do bairro [...] é a casa contando a história e é diferente”. Para o autor, a inserção se dá, porque as histórias são sobre o “bairro”, elemento bastante significativo para a literatura em



questão. Na entrevista, o escritor coloca que muitos autores consagrados (fora da literatura marginal) fazem elegias às suas cidades, “Mario Quintana às vezes está falando de alegria, tá falando de Porto Alegre; Drummond fala de Minas; [...] Oswald usa São Paulo, Rio de Janeiro [...]”, são escassos, porém, aqueles que falam do bairro, “do Capão Redondo, do bairro do Serra”.

Vale ainda ressaltar, a opinião de Sérgio Vaz sobre a literatura marginal, que, segundo ele, não é superior à “outra” literatura, é apenas uma arte que “fala de gente”, em que o povo é o protagonista; principalmente, não é um movimento que, em suas palavras, busca se “mudar *da* periferia”, mas transformar esse espaço para melhor, “mudar *a* periferia”, porque, repetindo a fala desse consagrado escritor brasileiro, “se a gente não mudar a nossa tribo, como é que vai mudar o mundo?”.

3. Representações do Escritor Marginal na Mídia

3.1 A mídia e os movimentos marginais

Conforme explica Filho (2004), a concepção de representação, conforme a concepção moderna e liberal de democracia, implica na delegação de poderes à um pequeno grupo de sujeitos. Tais sujeitos se comprometem a servir em favor dos seus representados. Por outro lado, podemos entender representação como “falar por” ou “falar sobre” determinado grupo em uma mídia.

A análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos. Tal inclinação teórica se harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação profunda com a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e contestada (Filho, 2004, p. 1).

4. Considerações Finais

“Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular, e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros



do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.” (FOUCAULT *apud* NAVARRO, 2008, p. 63). Certamente, ao se tratar do movimento artístico marginal, infere-se mais facilmente a faceta na qual o poder não se insere. Como a coloca Santos (2014), quando a mídia aborda a cultura marginal, é na verdade, “o sistema hegemônico mostrando a periferia tal como ele a enxerga e entende” (p. 29).

Ao se apropriarem da literatura, da música e do grafite para se expressarem, os artistas marginais assumem uma independência - usam a língua de forma liberta, sem os grilhões estéticos a que estão fadados os titulares do poder, nesse aspecto, a internet mostra-se imprescindível como meio autônomo desses representantes do movimento manifestarem-se. E esse uso da linguagem não tem um propósito acusatório, mas de impor reflexões sobre as definições de sociedade, de política e, sobretudo, o papel que cada indivíduo representa nesse cenário; o que é corroborado pela fala de Sérgio Vaz, em entrevista para o PET CNX Educomunicação: “essa literatura fala das pessoas” e trata, também, do modo como as pessoas falam e veem a literatura.

Para o citado Barthes (2013, p. 25), “‘Mudar a língua’, expressão mallarmeana, é concomitante com ‘Mudar o mundo’, expressão marxiana”. Tal proposição enfatiza, tanto o propósito deste artigo, de ressaltar a literatura e as demais artes marginais como legitimadoras da identidade do sujeito marginalizado, quanto o papel do PET CNX - Educomunicação, de se colocar, creditar e apoiar na linguagem desses indivíduos que se mostram fora do poder; além de compreender que, “longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela [a linguagem artística] permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2014, p. 24).

REFERÊNCIAS

BARICHELLO. Eugenia M. Mariano da Rocha; SILVA. Jaqueline Quincozes da. A Representação das Organizações no Espaço Mdiatizado. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Brasília-DF, 11 p., setembro, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977 / Roland Barthes; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CALEGARI, Lizandro Carlos. **Notas Sobre a Poesia Marginal Brasileira**. 2010. Publicada na REVISTA LITTERIS ISSN 1983 7429. Disponível em:



<<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/notassobreapoesia.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 1º. Volume: 1750-1836; 2º. Volume: 1836-1880. 8ª ed. BH - RJ: Ed. Itatiaia Ltda., 1997.

ESLAVA, Fernando. Literatura Marginal: o assalto ao poder da escrita. In: **Revista Online Estudos da Literatura Contemporânea**, n. 24, 2004. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2403.pdf> Acesso em: 24 nov. 2014.

FILHO, José Freire. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. In: **ECO-Pós**, v-7, nº 2, agosto-dezembro 2004, pp. 45-71. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/1120/1061>. Acesso em: 15 mai. 2015.

MORIGI, Valdir José. Teoria Social e Comunicação Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos. In: **E-compós**, Brasília, 2004. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

OLIVEIRA, Ana de. **Ruídos Pulsativos: Marginalia**. Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/marginalia>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

PELLEGRINI, Tânia. No Fio da Navalha: a literatura e a violência no Brasil de hoje. In: **Revista Online Estudos da Literatura Contemporânea**, n. 24, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2150>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

SANTOS, Carolina Correia. **Capão Pecado e a construção do sujeito marginal**. 199 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-09032009-174435/pt-br.php>>. Acessado em 15 nov. 2014.

SANTOS, Elisângela Maria dos. A marginalidade na performática literatura contemporânea. In: **Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura**. Vol. 2, São Cristóvão: GELIC, 2010. Disponível em: <http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Elizangela_Maria_dos_Santos.pdf> Acessado em 25 nov. 2014.

SANTOS, Gabriel Rodrigues Alves (et all). #ARuaEnsina: conexões com a arte e a literatura marginal no PET educomunicação. In: Anais do II Encontro do Programa de Educação Tutorial da UFU, Revista: **Horizonte Científico**, vol 8, suplemento 2. Uberlândia, 2014.

SILVA, Gabrielle Carolina. **Realidade Construída: o negro e o pobre na Folha de São Paulo**. 88 f. 2013. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.